



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

**A ORDEM V-DP/DP-V COM VERBOS INACUSATIVOS NO PORTUGUÊS
EUROPEU**

Shélida da Silva dos Santos

Rio de Janeiro
2016

SHÉLIDA DA SILVA DOS SANTOS

**A ORDEM V-DP/DP-V COM VERBOS INACUSATIVOS NO PORTUGUÊS
EUROPEU**

Monografia submetida à Faculdade de Letras
da Universidade Federal do Rio de Janeiro,
como requisito parcial para obtenção do título
de Licenciada em Letras na habilitação
Português/Literaturas.

Orientador: Prof. Dr. Humberto Soares da Silva

RIO DE JANEIRO

2016

Santos, Shélida da Silva dos

A ordem V-DP/DP-V com verbos inacusativos no português europeu/Shélida da Silva dos Santos. – 2016
28 f.

Orientador: Humberto Soares da Silva

Monografia (graduação em Letras habilitação Português – Literaturas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 27-28.

1. Verbos inacusativos. 2. Ordem de constituintes. I. Santos/Shélida da Silva dos. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2016. III. Título.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, Humberto Soares da Silva, pela orientação acadêmica e pela paciência. Agradeço à professora Maria Eugênia pelo acolhimento e orientação dedicada.

Aos meus pais, que sempre me auxiliaram e me incentivaram a persistir na vida acadêmica. Sempre torceram para que eu conseguisse atingir os meus objetivos.

A Paola, que sempre esteve ao meu lado, tanto nos momentos felizes quanto nos momentos tristes. Trocamos muitos risos e lágrimas juntas. Ao meu namorado, aos amigos da UFRJ. Todos precisamos de portos seguros.

Aos professores e funcionários da Faculdade de Letras, aos funcionários da UFRJ.

Ao PIBIC pela bolsa de estudos.

A Deus pela vida!

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	7
1.1 Gramática Gerativa	8
1.2 Teoria da Variação e Mudança	8
1.2.1 Condicionamento	9
1.2.2 Transição	9
1.2.3 Encaixamento	9
1.2.4 Avaliação	9
1.2.5 Implementação	10
1.3 A união das duas teorias	10
2. PONTOS DE PARTIDA	11
2.1 Os verbos inacusativos	11
2.2 A mudança em direção ao preenchimento no PB	13
2.3 A posição do DP com verbos inacusativos no PB	15
3. METODOLOGIA	18
3.1 Amostra	18
3.2 Coleta de dados	20
4. ANÁLISE DOS DADOS	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS	27

Estudos referentes ao preenchimento do sujeito no português brasileiro (PB) apontam para uma mudança quanto à marcação do Parâmetro do Sujeito Nulo (PSN). Segundo as análises diacrônicas de Duarte (1993, 1995), essa mudança estaria relacionada à redução dos paradigmas pronominais e flexionais na língua em questão. O pronome **você**, antigo pronome de tratamento, sofre gramaticalização no sistema linguístico a partir do pronome **Vossa Mercê** e concorre quanto à referência à segunda pessoa com **tu**, na função de sujeito (Caso nominativo). O pronome **a gente** sofre gramaticalização a partir do sintagma determinante (DP) **a gente** e disputa com o pronome **nós** a referência à primeira pessoa do plural (cf. LOPES, 2003).

Os resultados das análises mostram que, diferentemente do italiano, que é uma língua de sujeito nulo, o PB estaria passando de língua de sujeito nulo a língua de sujeito pleno. Trata-se, portanto, de uma remarcação paramétrica. A produtividade do preenchimento do sujeito pronominal é engatilhada pelo enfraquecimento do seu sistema flexional, que, por sua vez, é encaixada nas mencionadas alterações no quadro pronominal.

Essa mudança não foi notada no português europeu (PE). O PSN, postulado pela Teoria Gerativa, é formado por um conjunto de propriedades, como qualquer parâmetro, e, em caso de remarcação paramétrica, é esperado que a mudança atinja todas as propriedades. Além da sensível perda da produtividade dos sujeitos nulos no PB, é observada a redução das ocorrências de sujeito posposto ao verbo, o que reforça o postulado teórico que inclui o sujeito nulo e o sujeito posposto em um mesmo parâmetro, o PSN (cf. CHOMSKY, 1981). Como nenhum estudo aponta perda do sujeito nulo no PE, é esperada uma estabilidade também na produtividade dos sujeitos pospostos nessa gramática.

De acordo com Coelho (2000) e Spanó (2002), estruturas com verbos monoargumentais, principalmente os verbos inacusativos, apresentam resistência à ordem DP-V (sujeito-verbo), porém a mudança em direção à anteposição do argumento no PB já atinge estruturas com esses verbos. Santos (2008) e Santos e Soares da Silva (2012) constataram, em estudo baseado em falas de peças de teatro, que os verbos inacusativos estão passando pela mudança em direção à anteposição do sujeito, que se implementa inicialmente com os verbos **morrer**, **nascer** e **envelhecer**, que apresentam, categoricamente, nenhuma ocorrência de sujeitos pospostos nas duas peças da década de 1990. O PE, por sua vez, não passou por nenhuma mudança paramétrica em direção ao preenchimento, logo não é esperado que haja indícios de mudança em direção à ordem DP-V com verbos inacusativos.

Este trabalho tem como primeiro objetivo investigar a posição do sujeito com verbos inacusativos no PE, ou seja, observar a ordem V-DP e DP-V e o preenchimento da posição.

Foram utilizadas peças teatrais portuguesas de cunho popular, escritas ao longo dos séculos XIX e XX e dimensionadas em sete períodos, de acordo com o trabalho de Duarte (1993). O segundo objetivo é comparar os resultados do PE com os resultados do PB, obtidos em estudos de Santos (2008) e Santos e Soares da Silva (2012), que analisaram peças teatrais populares brasileiras escritas no mesmo período.

O suporte teórico deste trabalho é a união entre a Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH, LABOV e HEZOG, 1968) e a Gramática Gerativa (CHOMSKY, 1981). A primeira contribui para o estudo da mudança quanto à quantificação dos fenômenos variáveis, conferindo a ela o período de competição entre as variantes, a influência de fatores sociais e a ideia de que uma mudança sempre é acarretada por outra mudança. Já a Teoria Gerativa auxilia na observação e interpretação dos dados, e no levantamento das hipóteses.

O texto está organizado em quatro capítulos. No capítulo 1, apresento os pressupostos teóricos usados e explico também a união das duas correntes teóricas para embasar a hipótese e o levantamento de dados. No capítulo 2, apresento os pontos de partida para a investigação do PE, com base nas pesquisas de Duarte (1993, 1995), Santos (2008) e Santos e Soares da Silva (2012). No capítulo 3, apresento a metodologia da pesquisa e explico o processo de coleta de dados e, no último capítulo, a análise dos dados e a interpretação dos resultados.

1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Neste capítulo, apresento os fundamentos teóricos que sustentam esta pesquisa, que são a Gramática Gerativa (CHOMSKY, 1981) e a Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 1968). A junção desses dois modelos na investigação do fenômeno estudado auxilia a compreender o motivo pelo qual o processo de mudança foi engatilhado e a identificar a implementação da mudança no sistema linguístico. Tal associação entre teorias foi inicialmente proposta por Tarallo e Kato (1989).

1.1 Gramática Gerativa

Segundo a Teoria Gerativa, todo ser humano nasce propenso a desenvolver uma gramática. Isso seria possível por conta da faculdade da linguagem, uma predisposição biológica, determinada pelo genoma humano, que permite o aprendizado e o uso de pelo menos uma língua materna. Sendo assim, o homem é o único ser da natureza que tem a faculdade da linguagem.

Essa hipótese sustenta que, ao nascer, todos os indivíduos da espécie adquirem a

língua do meio em que estiver inserida, independentemente de qual for. Isso permite a postulação de uma Gramática Universal (GU): todas as línguas são norteadas pelos mesmos princípios. Assim, a partir do contato com as informações de uma língua externa, os estímulos, o falante, no processo de aquisição, organiza os conhecimentos sobre a língua, desenvolvendo a sua competência linguística (língua interna).

A Gramática Gerativa (CHOMSKY, 1981) tem como objeto de estudo a investigação da GU, que nada mais é do que o conjunto de princípios universais rígidos e abstratos comuns a todas as línguas. A realização concreta dos princípios rígidos é feita por meio de princípios mais flexíveis, os chamados parâmetros, que são responsáveis pelas diferenças entre as línguas humanas e podem ser marcados como positivo ou negativo. Uma língua de sujeito nulo, por exemplo, é marcada para o PSN como [+ sujeito nulo], exibindo, além do sujeito nulo, o sujeito posposto, entre outras propriedades; já uma língua de sujeito pleno apresenta a marcação [- sujeito nulo] para o mesmo parâmetro.

O que mais interessa nesta pesquisa é o quadro de Princípios e Parâmetros, do qual faz parte o PSN. Este, como qualquer parâmetro, é formado por um conjunto de propriedades: quando uma propriedade passa por alguma mudança, é esperado que outras propriedades do mesmo parâmetro também mudem. Um exemplo disso é a perda sensível da produção dos sujeitos nulos no PB (DUARTE, 1995) e a diminuição do uso dos sujeitos pospostos, o que parece indicar uma mudança paramétrica. Há indícios de que o PB estaria passando de uma língua de sujeito nulo para uma língua de sujeito pleno.

1.2 Teoria da Variação e Mudança

A teoria da Variação e Mudança (WEIREICH, LABOV e HERZOG, 1968) postula que a língua é um sistema heterogêneo e ordenado. Toda língua varia e essa variação pode ser monitorada, controlada. Os autores propuseram uma nova maneira de lidar com a língua, diferente da estruturalista, que trata a língua como um sistema homogêneo e considera a variação caótica e aleatória.

O objeto de análise é a variação da língua em uma comunidade de fala ou na fala de um indivíduo. Essa variação pode ser condicionada tanto por fatores linguísticos quanto por fatores sociais, que podem ser analisados e controlados. Outra contribuição para a ciência linguística foi o levantamento de cinco problemas empíricos necessários para o pesquisador investigar a mudança presente no sistema: o condicionamento, a transição, o encaixamento, a implementação e a avaliação.

1.2.1 *Condicionamento*

Os condicionamentos são os fatores que restringem ou favorecem o uso da variante estudada. Esses fatores podem ser linguísticos (internos) ou sociais (externos). A observação da variável **idade**, por exemplo, pode indicar a possível ocorrência de uma mudança, a ser confirmada em estudo diacrônico.

1.2.2 *Transição*

A transição consiste nos diferentes estágios do período em que as variantes disputam espaço no sistema linguístico. Esse período pode ser observado em tempo aparente, que considera as diferentes faixas etárias, ou em tempo real, que pode ser de curta ou longa duração. Pode-se dizer que a mudança foi concluída quando há vitória de uma variante sobre outra.

1.2.3 *Encaixamento*

O encaixamento se refere à necessária influência de uma mudança no desencadeamento de outra mudança. Assim, toda e qualquer mudança tem um engatilhador que só pode ser explicado por outra mudança, anterior, como um efeito dominó. A mudança do PB em relação ao PSN, por exemplo, é encaixada na redução do paradigma flexional verbal.

1.2.4 *Avaliação*

As variantes em disputa no sistema são avaliadas pelos falantes de uma comunidade de fala. Essa avaliação influi no processo de mudança e pode ajudar a definir que variante vai vencer a disputa no final. Quando é atribuído um valor positivo à variante inovadora, é esperado que essa avaliação impulse a propagação dessa variante no sistema.

1.2.5 *Implementação*

A mudança passa por vários estágios até ser inserida no sistema de fato. Acontece uma

propagação tanto pelos contextos linguísticos quanto pelos sociais ao longo do tempo, engatilhada pelo encaixamento em outra mudança. No estágio final da mudança, o caráter avaliativo se perde.

1.3 A união das duas teorias

A união das duas teorias auxilia na sustentação deste trabalho. A teoria variacionista contribui com os problemas empíricos importantes na investigação da mudança, sobretudo o encaixamento da mudança; já a teoria gerativa auxilia com o quadro de Princípios e Parâmetros (cf. SOARES DA SILVA, 2011). Em um estudo sobre variação e mudança, é necessário utilizar uma teoria linguística para sustentar o levantamento de hipóteses, de fatores linguísticos e a interpretação de dados.

Sobre o quadro de Princípios e Parâmetros, o parâmetro que interessa aqui é o PSN. Esse parâmetro é formado por 10 propriedades, entre elas o sujeito nulo e o sujeito pós-verbal: uma língua que seja positivamente marcada para esse parâmetro exibe tanto a produtividade de sujeitos nulos quanto a de sujeitos pospostos. O PB é uma língua que está passando por uma mudança paramétrica em direção ao preenchimento sujeito, o que não ocorre no PE, que continua com a marcação positiva para o PSN, mantendo a produtividade dos sujeitos nulos e pós-verbais.

A mudança que é notada no PB pode ser explicada pelo encaixamento da mudança. A alteração do quadro pronominal acarretou a redução das diferenças entre as formas verbais que, por sua vez, como consequência da simplificação, engatilhou o preenchimento do sujeito e a sua anteposição ao verbo. Uma mudança desencadeou a outra.

A junção das duas correntes fundamenta a hipótese de que a redução da produtividade do sujeito posposto no PB foi acarretada pela perda do sujeito nulo. Dessa forma, o fenômeno da mudança em uma propriedade de um parâmetro acarreta a mudança em outras propriedades do mesmo parâmetro. Isso pode ser explicado pelo encaixamento da mudança.

2. PONTOS DE PARTIDA

A investigação diacrônica da ordem V-DP/DP-V com verbos inacusativos em peças teatrais do PE foi instigada pela mudança paramétrica em direção ao preenchimento do sujeito pronominal no PB, apontada por Duarte (1993, 1995). A pesquisa prosseguiu com Santos (2008) e Santos e Soares da Silva (2012), que observaram que essa mudança estava atingindo

os verbos inacusativos, considerados resistentes ao fenômeno. Antes de abordar pesquisas motivadoras deste trabalho, é necessário entender o que é o verbo inacusativo.

2.1 Os verbos inacusativos

Os predicadores são essenciais para a construção da oração, pois são eles os responsáveis pela seleção dos argumentos. Quando se trata dos predicadores verbais, existem três tipos de seleção argumental e ainda há os que não selecionam argumentos, como pode ser observado nos exemplos abaixo. Em (1a), o verbo **levou** é um predicador que seleciona três argumentos, um externo, à esquerda do verbo – **Ricardo** – e dois internos (**a mãe** e **ao cinema**), à direita do verbo.

- (1) a. Ricardo **levou** a mãe ao cinema. c. João **brinca** às terças-feiras.
 b. Marcela **gosta** de sorvete de morango. d. A encomenda **chegou**. e. **Choveu**.

(1b) apresenta o verbo **gosta**, que seleciona dois argumentos, sublinhados no exemplo: “alguém gosta de alguma coisa”. Os exemplos (1c) e (1d) contêm verbos que selecionam um argumento. Já em (1e), há um verbo que não seleciona argumentos.

Observando os verbos monoargumentais representados em (1c) e (1d), podem ser identificadas diferenças em relação a classificação dos mesmos como “intransitivos”. O contraste entre os exemplos (2) e (3) é observado em relação a ordem do argumento e ao tipo semântico de argumento selecionado pelo verbo.

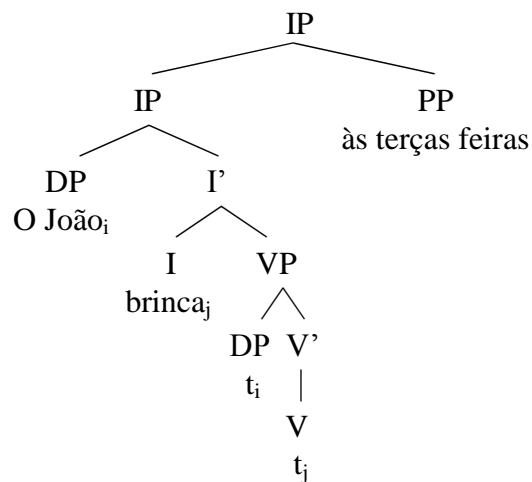
- (2) a. *Brinca o João às terças-feiras.
 b. *Brincado o João, iremos ao cinema.
 c. *A encomenda brinca às terças-feiras. d. *Brincada a encomenda, iremos ao cinema.
 (3) a. Chegou a encomenda. c. Chegou o João. / O João chegou.
 b. Chegada a encomenda, fizemos o almoço. d. Chegado o João, todos foram ao parque.

As construções em (2a), com posposição do argumento **O João**, e em (2b), com participípio absoluto, são agramaticais; em (2c) e (2d) a agramaticalidade é causada pelo argumento **A encomenda**, com o traço semântico [- humano], pois o verbo brincar seleciona um argumento [+ humano] e [+ agentivo]. Já o predicador em (3) seleciona tanto argumento [+ agentivo] e [+ humano] como [- agentivo] e [- humano], podendo estar na ordem DP-V ou

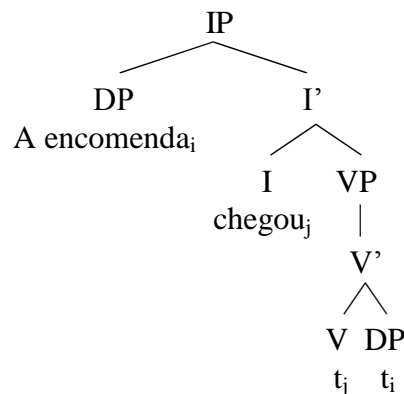
V-DP.

De acordo com Miotto, Silva e Lopes (2013), esses verbos são classificados como **intransitivos**, cujo único argumento selecionado é o externo (2), e **inacusativos** (3), que selecionam um argumento interno. O argumento gerado na posição mais alta do sintagma verbal (VP), o argumento externo, tende a receber papel temático de agente ou experienciador, como pode ser observado no exemplo (4a). Já o argumento interno, gerado à direita do verbo (V), tende a receber papel temático de tema, como em (4b).

(4) a. O João brinca às terças-feiras.



b. A encomenda chegou.



O argumento externo, geralmente, recebe Caso nominativo, através do movimento para a posição de especificador do sintagma flexional (IP). O argumento interno, por sua vez, pode receber Caso acusativo atribuído pelo verbo. É o que se vê em (5).

(5) a. Paulo comeu a maçã.

c. Paulo comeu-a_{acusativo}.

b. Ele_{nominativo} comeu a maçã.

d. Ele comeu-a.

e. Ele comeu ela.

Um verbo que não seleciona um argumento externo não pode atribuir Caso acusativo

ao seu argumento interno (BURZIO, 1986 *apud* MIOTO, SILVA e LOPES, 2013). Veja-se a agramaticalidade de (6c), abaixo. Esse tipo de verbo é classificado como **inacusativo**.

- (6) a. Fernanda apareceu./Apareceu Fernanda. b. Ela apareceu. c. *Apareceu-a.

Os exemplos acima ilustram, em (5), a predicação do verbo **comeu**, transitivo direto, que, seleciona um argumento externo, que funciona como sujeito, e um argumento interno, que funciona como objeto. O sujeito, que recebe Caso nominativo, pode ser substituído por um pronome pessoal do caso reto, como em (5b) e (5d); já o objeto, complemento verbal, recebe o Caso acusativo e pode ser substituído por um clítico e, no PB, por um forma de pronome pessoal idêntica à do caso reto, como em (5c), (5d) e (5e). De acordo com essa observação, é possível afirmar que, no exemplo (6), **Fernanda** é um argumento interno, um complemento verbal, mas tem função de sujeito por ter Caso nominativo, pois não pode ser substituído por um clítico, como mostrado em (6c).

2.2 A mudança em direção ao preenchimento no PB

Os primeiros traços de mudança paramétrica no PB foram notados por Duarte (1993). O PB estaria passando de uma língua de sujeito nulo, como o italiano e o PE, para uma língua de sujeito pleno, como o inglês e o francês. A pesquisa diacrônica foi feita com dados levantados de peças teatrais brasileiras de cunho popular escritas nos séculos 19 e 20.

A análise diacrônica foi feita em sete períodos, cada um com uma peça teatral diferente, conforme o Gráfico 1. Os resultados mostram que 80% das ocorrências de sujeitos de referência definida eram nulos na peça de 1845, referente ao primeiro período. Já no último período, em uma peça de 1992, essa taxa era de 26%.

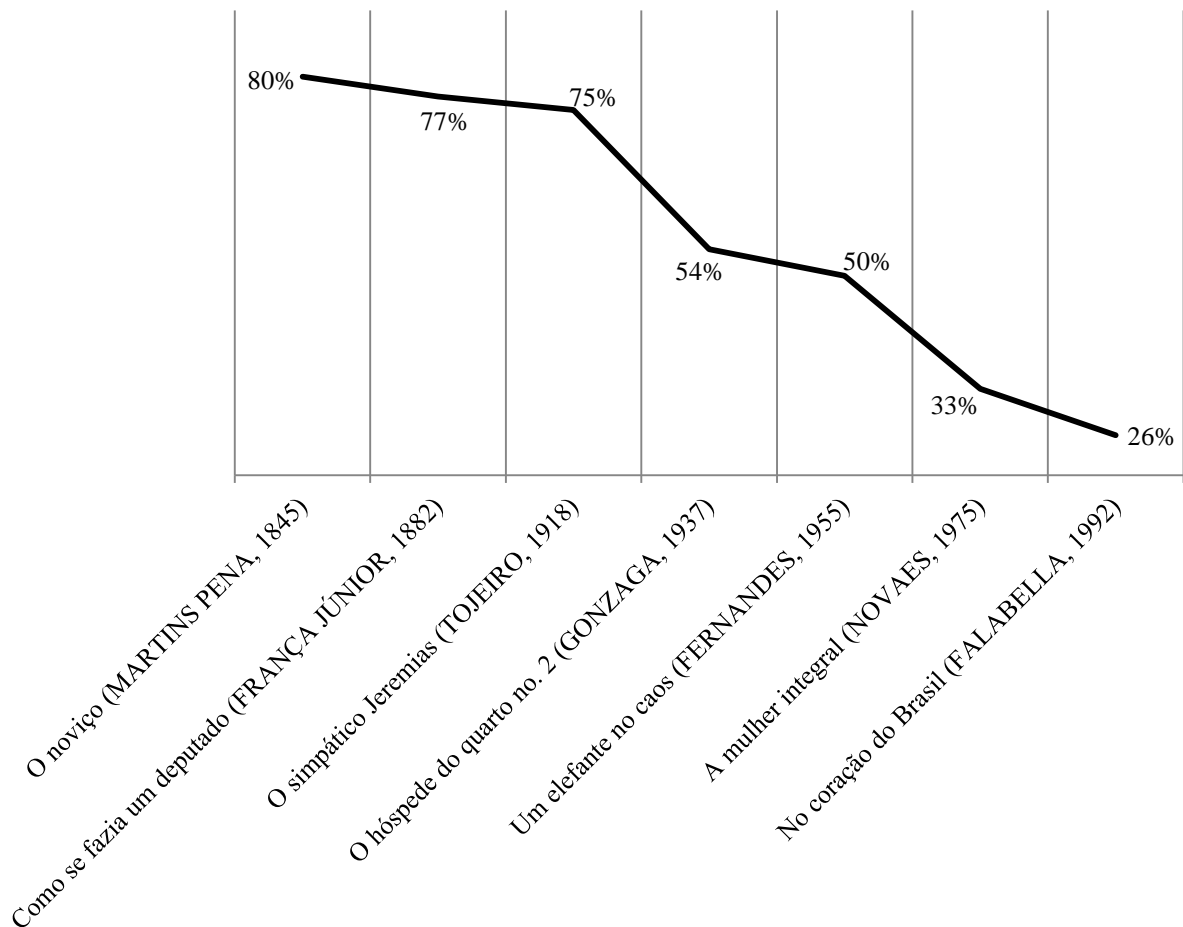


Gráfico 1: Sujeitos pronominais nulos em peças teatrais (DUARTE, 1993)

Foi analisada, ainda, a evolução dos paradigmas flexionais no PB. A perda da distinção entre **tu** e **você**, com a queda da marcação mórfica -s, faz com que a segunda pessoa verbal varie; e a desinência zero passa a vigorar não só na terceira pessoa do singular, mas também na terceira pessoa do singular e na primeira do plural, por conta da concorrência entre o **nós** e **a gente** para a representação da primeira do plural. A mudança nos paradigmas flexionais é, portanto, consequência das alterações no quadro pronominal do PB.

O empobrecimento funcional e formal do PB pode ser associado ao aumento do preenchimento do sujeito pronominal de referência definida, como pode ser observado no gráfico: nos três primeiros períodos, 1845, 1882, 1918, verifica-se um alto índice de sujeitos nulos, que representam 80%, 77% e 75% das ocorrências, respectivamente. Nos dois períodos seguintes, 1937 e 1955, após a entrada de **você** no quadro pronominal, há uma queda de produtividade desses sujeitos, sendo as frequências, nesses períodos, de 54% e 50%. O uso do sujeito nulo vai diminuindo como passar dos períodos, chegando a 26% em 1992, o que significa que foram notados 74% de ocorrência de sujeitos pronominais expressos – nos

últimos períodos, **a gente** já concorria com **nós** para referência à primeira pessoa do plural.

Nas análises de Duarte (1995, 2003) sobre a fala culta, a partir das amostras do Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro (NURC), e sobre a fala popular, a partir das amostras do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL), os resultados não foram diferentes. Foi observada a tendência ao preenchimento do sujeito pronominal referencial nas três pessoas gramaticais no PB e a tendência ao apagamento no PE. Seguem exemplos de sujeitos preenchidos das amostras do PB do PEUL:

- (7) a. Eu_i nasci aqui em Inhaúma e aqui nessa casa eu_i moro tem trinta e um anos.
 b. Você_is são muito jovens. Você_is acham que você_is podem mudar o mundo.
 c. **Meu marido**_i conhece o Brasil todo porque ele_i trabalhava no Instituto Nacional de Migração. Então ele_i viajava muito.
- (8) A gente_i tem que seguir o que a gente_i sabe e da forma que a gente_i foi criado.

Verifica-se, nos exemplos de fala acima, que os sujeitos, mesmo os retomados, são preenchidos, seja de referência determinada, como nos exemplos em (7), seja de referência indeterminada, em (8). A partir dessas análises, pode ser confirmada a perda do sujeito nulo, já apontada na análise diacrônica. Se for um caso de mudança paramétrica, é esperado que as outras propriedades do PSN, como o sujeito posposto, sejam afetadas.

Santos (2008) e Santos e Soares da Silva (2012) observaram, em um estudo baseado em peças teatrais cariocas contidas no mesmo intervalo de tempo do estudo de Duarte (1993), uma mudança no uso do sujeito posposto. Foi notada a variação da ordem do argumento nos verbos inacusativos, verbos considerados resistentes à mudança (cf. COELHO, 2000).

2.3 A posição do DP com verbos inacusativos no PB

Na análise sincrônica de Santos (2008), feita em peças teatrais brasileiras, foram selecionados como grupos de fatores relevantes para a ordem verbo-sujeito a definitude do DP, a extensão do DP, o status informacional do DP e item lexical. O DP com traço [- definido], marcado por artigos e pronomes indefinidos, tende a aparecer posposto ao verbo, favorecendo a ordem verbo-sujeito, enquanto o DP com traço [+ definido] tende a aparecer anteposto ao verbo, como pode ser visto, respectivamente, nos exemplos (9a) e (9b), retirados do trabalho de Santos (2008). O DP pesado ou longo, composto por mais de três palavras (cf. SPANÓ, 2002), favorece a ordem verbo-sujeito, enquanto o DP leve tende a aparecer

anteposto ao verbo, como é ilustrado nos exemplos (10a) e (10b), também de Santos (2008).

- (9) a. Oh! mamãe, lá caiu um homem da Maxambomba; está todo sujo de poeira, coitado.
(FRANÇA JÚNIOR, 1862)
- b. Dois tiros passaram tinindo por mim. Olha que sorte. (Millôr FRENANDES, 1955)
- (10) a. Passou aquele sujeito que tem a loja de fazendas. (Martins PENA, 1844)
- b. Minha mãe, não diga isso, seu incômodo passará. (Martins PENA, 1845)

Quanto ao status informacional, o DP novo tende a favorecer a ordem V-DP. O DP evocado, por outro lado, favorece a ordem DP-V. Vejam-se os exemplos abaixo (SANTOS 2008):

- (11) a. A sobrinha de uma amiga minha, tem uma amiga que foi ao Pathé e aconteceu uma coisa horrível! (Miguel FALABELLA, 1992)
- b. A nossa luta_i é pela igualdade de oportunidades, igualdade de salários, igualdade de direitos, enfim. E essa luta_i começa aqui. (Carlos NOVAES, 1975)

Para contolar a influência do item lexical, os verbos foram separados em cinco grupos, de acordo com traços sintático-semânticos, conforme a lista a seguir. Santos e Soares da Silva (2012) observaram a queda gradual das taxas de posposição do argumento de verbos que, nas peças analisadas, selecionam sempre um DP [+ humano], como pode ser observado no Gráfico 2. Os percentuais de sujeitos pospostos com os grupos de verbos em (a), (c) e (d) não se alteram muito ao longo do tempo: o grupo (a) exhibe frequências em torno dos 80% de ocorrências de V-DP, enquanto os outros dois grupos oscilam em torno de 50%.

- (a) **ficar, restar, sobrar, faltar, bastar, importar**
- (b) **existir**
- (c) **chegar, vir, entrar, cair, subir, descer, sair, partir, embarcar**
- (d) **acontecer, ocorrer, transcorrer, suceder, começar, terminar, principiar, acabar, cessar, prevalecer, durar, reinar, aparecer, desaparecer, surgir, ressurgir, correr, circular, seguir, crescer, aumentar, diminuir, avançar, passar, falhar**
- (e) **morrer, nascer, envelhecer**

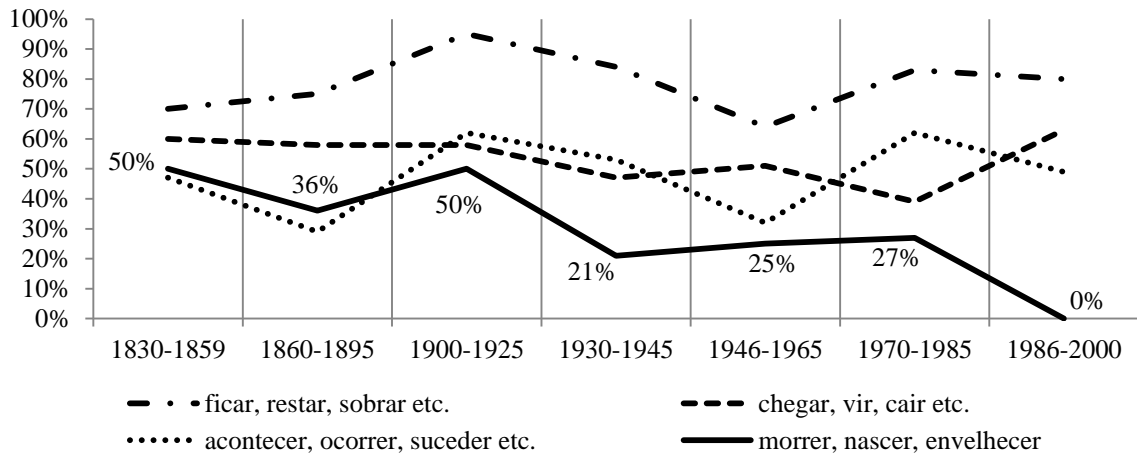


Gráfico 2: Ordem V-DP vs. item lexical (SANTOS e SOARES DA SILVA, 2012)¹

O último grupo (e), composto pelos verbos **morrer**, **nascer** e **envelhecer**, que apresentam argumento humano nos dados coletados, chega 0% de ocorrência no último período, o que indica que a redução no uso da ordem V-DP se implementa inicialmente nesse contexto. O Gráfico 3 apresenta uma comparação entre os resultados obtidos com os verbos **morrer**, **nascer** e **envelhecer**, extraídos do Gráfico 2, e os resultados obtidos no estudo sobre a queda das taxas de sujeito nulo, de Duarte (1993), já apresentados no Gráfico 1. É possível observar que, em ambos os estudos diacrônicos, as taxas começam a sofrer mudança no primeiro quartel do século 20 (1900- 1925).

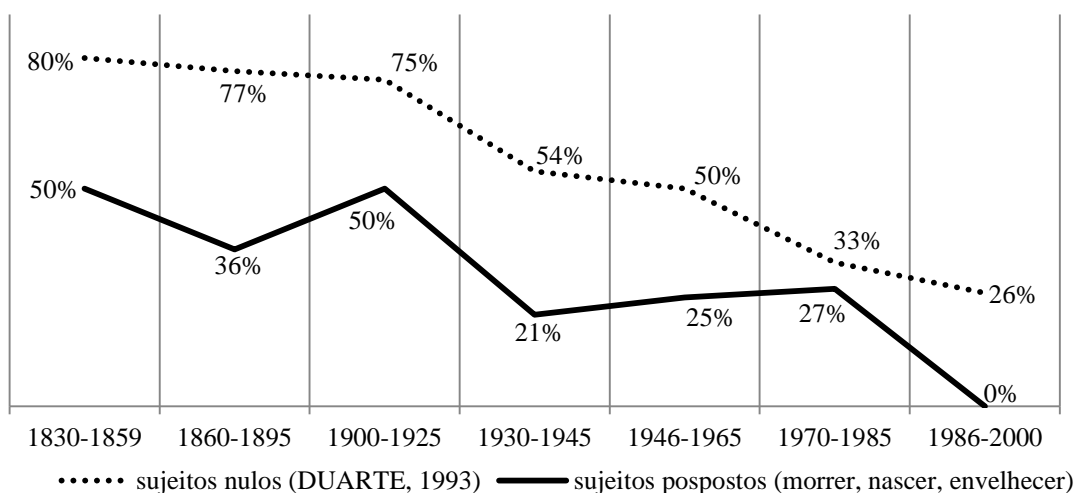


Gráfico 3: Apagamento do sujeito e posposição do sujeito de verbos inacusativos

¹ Os dados com o verbo **existir** não foram contabilizado nesses resultados. Esse verbo, além de aparecer pouquíssimas vezes nos dados, não ocorre em todos os períodos.

3. METODOLOGIA

Este trabalho tem como objetivo a observação da posição à esquerda dos verbos inacusativos no PE. A investigação opõe o preenchimento da posição de sujeito à ausência de argumento expresso na mesma posição (essa ausência unifica os casos de sujeito nulo e os casos de sujeito posposto, não movido). Neste capítulo, serão descritos o material analisado e a metodologia de coleta e análise dos dados.

3.1 Amostra

A amostra utilizada é composta por um acervo de 39 peças teatrais portuguesas de cunho popular, escritas ao longo dos séculos 19 e 20 e divididas em sete períodos. A periodização foi feita por Henriques (2013) e Marins (2013), que, para estudos diacrônicos sobre o PB, acrescentaram mais peças, além das sete utilizadas por Duarte (1993). A divisão das peças brasileiras em períodos se deu por aproximação ao ano de publicação de cada peça citada em Duarte (1993) e, para esta investigação sobre o PE, as peças portuguesas foram periodizadas da mesma forma que as brasileiras:

PERÍODOS	PEÇAS	AUTORES
PERÍODO I (1830- 1859)	<i>Uma cena de nossos dias</i> (1843) <i>Casar ou meter freira</i> (1848) <i>Nem tudo o que luz é ouro</i> (1849) <i>A domadora de feras</i> (1857) <i>Similia Similibus</i> (1858)	Paulo Midosi Antonio P. L. de Mendonça João de Andrade Corvo Luís Augusto Palmeirim Júlio Dinis
PERÍODO II (1860- 1895)	<i>J.R.</i> (1865) <i>Guerra aos Nunes</i> (1866) <i>À hora do comboio</i> (1870) <i>A liberdade eleitoral</i> (1870) <i>Clero, nobreza e povo</i> (1871) <i>Quem desdenha...</i> (1874) <i>Paris em Lisboa</i> (1879) <i>O festim de Baltasar</i> (1894) <i>Paraíso conquistado</i> (1895)	Luís de Araújo Matos Moreira Salvador Marques Teixeira de Vasconcelos César de Lacerda Pinheiro Chagas Carlos de Moura Cabral Gervásio Lobato Henrique L. de Mendonça
PERÍODO III (1900- 1925)	<i>Lei-san</i> (1903) <i>A festa da actriz</i> (1903) <i>Terra Mater</i> (1904) <i>O álcool</i> (1912) <i>Viva da Costa!</i> (1925)	Manoel Penteado Jorge Santos Augusto de Lacerda Bento Mântua Vasco Mendonça Alves

PERÍODO IV (1930- 1945)	<i>Continuação da comédia</i> (1931) <i>A prima Tança</i> (1934) <i>O ausente</i> (1934) <i>A invenção do guarda chuva</i> (1944) <i>Balada de outono</i> (1945)	João Pero de Andrade Alice Ogando Joaquim Paul D'arcos Luiz Francisco Rebello Carlos Selvagem
PERÍODO V (1946- 1965)	<i>Alguém terá de morrer</i> (1954) <i>É urgente o amor</i> (1957) <i>Sol na floresta</i> (1957) <i>Felizmente há luar</i> (1961) <i>A visita de sua excelência</i> (1962)	Luís Sttau Monteiro Luiz Francisco Rebello Romeu Correia Luís de Sttau Monteiro Luis Francisco Rebello
PERÍODO VI (1970- 1985)	<i>A menina feia</i> (1970) <i>Prólogo Alentejano</i> (1975) <i>A Lei é Lei</i> (1977) <i>Florânia ou a perfeita felicidade</i> (1983) <i>Dom João no jardim das delícias</i> (1985)	Manuel Frederico Pressler Luis Francisco Rebello Luis Francisco Rebello Norberto Ávila Norberto Ávila
PERÍODO VII (1986- 2000)	<i>Os deserdados da pátria</i> (1988) <i>O marido ausente</i> (1989) <i>A donzela das cinzas</i> (1900) <i>Arlequin nas ruínas de Lisboa</i> (1992) <i>Um filho</i> (1996)	Norberto Ávila Norberto Ávila Norberto Ávila Norberto Ávila Luísa Costa Gomes

Quadro 1: Peças teatrais portuguesas utilizadas na análise

Como a análise conta com peças de épocas anteriores à invenção do gravador de voz, não há amostras de fala de tais épocas disponíveis. As peças de cunho popular foram utilizadas por estarem mais próximas da fala. É esperado que os autores das peças tenham escrito a fala dos seus personagens na tentativa de refletir a fala do cotidiano, da vida real, a fala do povo, por isso acredita-se na aproximação do gênero textual escolhido à fala.

A fala e a escrita são vistas, muitas vezes, de maneira estanque, separadas, sem nenhum ponto de contato. Cada uma dessas duas modalidades de uso da língua tem a sua particularidade. A fala é uma realização oral, logo é necessário o aparelho vocal para existir, e, na maioria das vezes, tende a ser produzida no momento da interação, sem tempo prévio de preparação do texto; por isso, é comum encontrar reiterações durante o discurso.

O texto escrito, por outro lado, tende a ser mais pensado e monitorado, por conta do tempo de produção, que costuma ser mais longo. Segundo Marcuschi (2008), a observação dos gêneros textuais na relação fala-escrita quebra a visão dicotômica de que a fala seria o polo da informalidade enquanto a escrita seria mais formal. Desse modo, os gêneros textuais, mais formais e menos formais, estariam dispostos ao longo de um contínuo tipológico fala-escrita, e as falas de peças teatrais populares estariam próximas ao polo da fala, apesar de serem textos escritos.

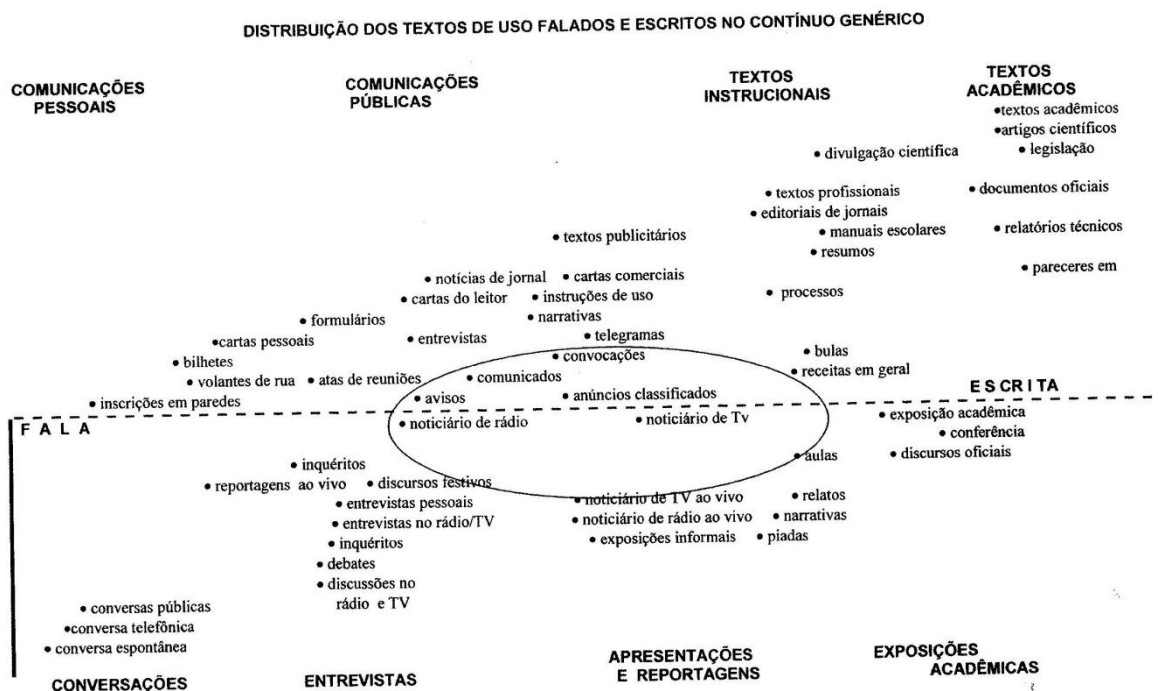


Figura 1: Contínuo da relação fala-escrita (MARCUSCHI, 2008)

Para a seleção das peças portuguesas, foram utilizados os mesmos critérios do corpus utilizado na análise do PB, constituído de peças teatrais brasileiras também de carácter popular. Esse cuidado foi tomado tendo em vista a importância da confiabilidade da comparação dos resultados do PB e do PE. As peças compõem o acervo do Projeto de Estudos Contrastivos Português Europeu – Português Brasileiro, localizado na Faculdade de Letras da UFRJ, sala D3-23, coordenado pela professora Maria Eugênia Lammoglia Duarte.

A quantidade de peças varia de período para período, como pode ser observado no Quadro 1, porque a intenção é equilibrar a quantidade de dados para obter resultados estatísticos mais confiáveis. Quanto aos autores, alguns aparecem em mais de um período ou, como no período VII, quase no período inteiro, por conta do material disponível no acervo do Projeto. As peças portuguesas foram trazidas, inclusive de Portugal, por estudantes participantes do Projeto, e o trabalho de busca e levantamento de mais peças prossegue.

3.2 Coleta de dados

Foram coletados todos os dados de verbos inacusativos, que são 736, presentes nas 39 peças teatrais portuguesas. Os dados foram codificados em oito grupo de fatores linguísticos (além da variável dependente) e um grupo de fatores social, o gênero do personagem (feminino ou masculino). A codificação do gênero é importante porque está relacionado à

avaliação das variantes em disputa no sistema, auxiliando na observação do gênero que mais favorece a realização DP-V.

A variável dependente é o preenchimento da posição estrutural de sujeito do verbo inacusativo (ou seja, sujeito anteposto pleno). Em oposição ao preenchimento, o não preenchimento da posição de especificador de IP engloba o sujeito nulo e o argumento posposto, não movido para a posição estrutural do sujeito. As outras variáveis linguísticas são:

- (a) estrutura do argumento: grupo de fatores que classifica a forma do verbo inacusativo, que pode ser um DP com determinante e substantivo ou um pronome, entre outras realizações;
- (b) definitude do argumento: classifica os argumentos como **definido** (DP introduzido por um artigo definido, pronome demonstrativo ou possessivo, ou quantificador) e **indefinido** (DP introduzido por artigo ou pronome indefinido);
- (c) animacidade do argumento: humano, animado não humano ou inanimado;
- (d) extensão do argumento: serve para atestar a afirmação de Spanó (2002), de que um argumento com mais de três palavras seria um DP pesado e tenderia a ficar posposto ao verbo;
- (e) categoria semântica do verbo: agrupa os verbos por semelhança de significado;
- (f) posição à esquerda do verbo: tipo de elemento que ocupa a posição à esquerda do verbo, desconsiderando o sujeito, caso seja anteposto;
- (g) tipo de oração: a força ilocucionária pode ser assertiva ou interrogativa;
- (h) informatividade do argumento: novo, inferível ou evocado.

Como a intenção desse trabalho é investigar um fenômeno variável, foram excluídos todos os dados que tinham como argumento do verbo inacusativo um pronome relativo (12a), que é sempre anteposto ao verbo, mas não ocupa a posição estrutural de sujeito. Com verbos no imperativo (12b), no gerúndio (12c), no particípio (12d) e no infinitivo (12e) não há variação da ordem ou preenchimento, estando a posição de sujeito, à esquerda do verbo, sempre não preenchida. Também foram excluídas da análise as orações que contêm constituinte clivado (12f), que apresentaram o sujeito sempre preenchido e anteposto.

- (12) a. Não há que vacilar...é este necessariamente o indivíduo que desconheço e que desde que cheguei me dirige declarações; amorosas assinadas com um J. e um R. (Luís de Araújo, 1865)

- b. **Sai** tu também, para que eu não tenha de voltar a pedir-to, para que não tenha que to gritar, **sai** ____! (Luiz REBELLO, 1944)
- c. Ora **morrendo** tu e **morrendo** eu, fica Livínia completamente ao abandono. (Júlio DINIS, 1858)
- d. E em pouco tempo estaria **terminado** "O Marido Ausente". (Norberto ÁVILA. 1989)
- e. O ônibus só parte amanhã: mas o que posso fazer, é ir ao telégrafo e mandar **vir** um trem da companhia... (Luís de ARAÚJO, 1865)
- f. **Foi graças ao meu boneco que** tudo acabou? (Luiz REBELLO, 1962)

Foi feita apenas uma rodada, com todos os dados, no programa GoldVarb, por conta da pouca quantidade de ocorrências de verbos inacusativos. O período de peça foi codificado como um grupo de fatores, mas não foi selecionado como relevante. Isso é um indício da inexistência de mudança, conforme será mostrado no capítulo seguinte.

4. ANÁLISE DOS DADOS

Os dados com verbos inacusativos foram submetidos a uma rodada no programa GoldVarb, para verificar os grupos que favorecem a realização DP-V. Essa etapa é essencial para observar os indícios de mudanças a partir da amostra. A tabela e o gráfico a seguir mostram os índices de DP-V ao longo do tempo:

PERÍODO	OCORRÊNCIAS	FREQUÊNCIA
PERÍODO I (1830- 1859)	25/93	27%
PERÍODO II (1860- 1895)	15/76	20%
PERÍODO III (1900- 1925)	19/62	31%
PERÍODO IV (1930- 1945)	49/109	45%
PERÍODO V (1946- 1965)	62/164	38%
PERÍODO VI (1970- 1985)	36/120	30%
PERÍODO VII (1986- 2000)	36/112	32%
TOTAL	242/736	33%

Tabela 1: Ocorrência de DP-V (vs. V-DP e sujeito nulo) em peças portuguesas

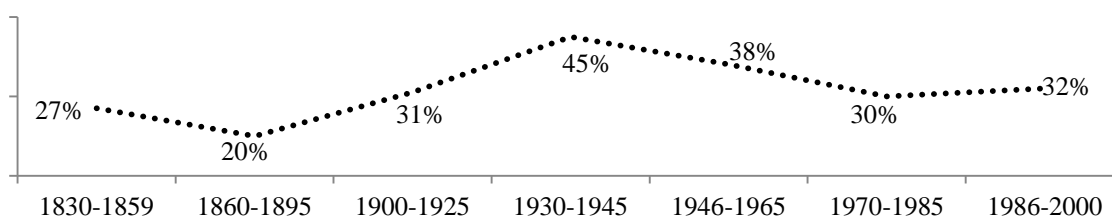


Gráfico 4: Frequência de DP-V (vs. V-DP e sujeito nulo) em peças portuguesas

Pode-se observar a constância da realização DP-V por todos os períodos. As frequências oscilam entre 20% e 45%, em torno do percentual geral, que é de 33%, segundo a Tabela 1. Os fatores selecionados pelo programa GoldVarb, na ordem de relevância, foram: estrutura do argumento, definitude do argumento, animacidade do argumento, extensão do argumento, posição à esquerda do verbo, categoria semântica do verbo e gênero do personagem.

O primeiro grupo de fatores selecionado pelo programa GoldVarb foi a estrutura do argumento. Os fatores que mais favorecem a anteposição do argumento são pronome pessoal e demonstrativo neutro, com 0,90 e 0,86 de peso relativo (PR), respectivamente, exemplificados em (13a) e (13b). Os fatores que menos favorecem a anteposição são a estrutura oracional e o NP nu (sintagma nominal sem determinante), como em (13c) e (13d).

ESTRUTURA DO ARGUMENTO	OCS.	FREQUÊNCIA	PR
PRONOME PESSOAL	85/91	93%	0,90
DEMONSTRATIVO NEUTRO	19/22	86%	0,86
DETERMINANTE + SUBSTANTIVO NULO	4/5	80%	0,74
SUBSTANTIVO PRÓPRIO	17/24	71%	0,54
DETERMINANTE + SUBSTANTIVO	101/199	51%	0,40
PRONOME INDEFINIDO	7/19	37%	0,30
QUANTIFICADOR	4/12	33%	0,20
ORAÇÃO	2/33	6%	0,05
NP NU	2/22	10%	0,05
TOTAL	242/428²	57%	
<i>Input: 0,610; significância: 0,048</i>			

Tabela 2: Influência da estrutura do argumento na ordem DP-V

- (13) a. Ó, menina quando tu nasceste já eu ia à vila... (período V)
 b. Isto só a mim sucede!... (período I)
 c. Basta que o venhas a saber quando tudo estiver resolvido, em bem ou em mal – o que só depende agora, para bem ou para mal, do estado de espírito, hoje, dessa velha coruja... (período IV)
 d. Mas nunca faltaram almas caridosas para me informarem de tudo... (período V)

O segundo grupo de fatores selecionado como mais influente no fenômeno estudado foi a definitude do argumento. O argumento definido tende a ser mais favorável à ordem DP-

² Para a observação da estrutura do argumento, foram desconsiderados os dados com argumento nulo. Os resultados com total de 428 dados, neste trabalho, não contabilizam os sujeitos nulos. As tabelas que apresentam total de 736 dados consideram todas as ocorrências, opondo sujeito anteposto a argumento posposto ou nulo.

V, como pode ser observado em (14a), com o PR de 0,53. Por outro lado, o argumento [- definido] é menos favorável à anteposição, como é ilustrado em (14b), com 0,25 de PR.

DEFINITUDE DO ARGUMENTO	OCS.	FREQUÊNCIA	PR
DEFINIDO	233/390	60%	0,53
INDEFINIDO	9/38	24%	0,25
TOTAL	242/428	57%	
<i>Input: 0,610; significância: 0,048</i>			

Tabela 3: Influência da definitude do argumento na ordem DP-V

- (14) a. O tal bailarico acabou às 5 da madrugada (...) (período II)
 b. Uma lista que não falte ninguém. (período V)

O grupo selecionado em seguida foi a animacidade do argumento. O argumento com o traço semântico [+ humano] tende a favorecer a ocorrência do sujeito pleno e anteposto, exemplificado em (15a), com 0,60 de PR. O argumento animado não humano (15b) e o inanimado (15c) tendem a desfavorecer tal realização, com PR de 0,37 e 0,33, respectivamente.

ANIMACIDADE DO ARGUMENTO	OCS.	FREQUÊNCIA	PR
HUMANO	149/454	33%	0,60
ANIMADO NÃO HUMANO	91/271	34%	0,37
INANIMADO	2/11	18%	0,33
TOTAL	242/736	33%	
<i>Input: 0,610; significância: 0,048</i>			

Tabela 4: Influência da animacidade do argumento na ordem DP-V

- (15) a. Quando tanta gente morre hoje com cólicas por demasiado engolir, não poderá também o pobre Ambrósio ter ao menos uma leve indigestão? (período I)
 b. Não sabe donde vêm as pragas, pois não? (período V)
 c. Eu queria versos que nascessem como nascem as flores do campo; sem cultura espontâneos. (período I)

O grupo extensão do argumento foi selecionado como o quarto que mais influencia o fenômeno aqui estudado. Quando o argumento é leve, possui apenas uma palavra, como em (16a), ou é formado por duas ou três, como em (16b), tende a aparecer antes do predicator, como indicam os PR de 0,54 e 0,53, respectivamente. Já um argumento mais pesado, formado

por mais de três palavras, como em (16c), tende a ficar posposto ao predador, com PR de 0,34.

EXTENSÃO DO ARGUMENTO	OCS.	FREQUÊNCIA	PR
UMA PALAVRA EXPRESSA	139/186	75%	0,54
DUAS OU TRÊS PALAVRAS EXPRESSAS	88/173	51%	0,53
MAIS DE TRÊS PALAVRAS EXPRESSAS	15/69	22%	0,34
TOTAL	242/428	56%	
<i>Input: 0,610; significância: 0,048</i>			

Tabela 5: Influência da extensão do argumento na ordem DP-V

(16) a. Eles aí vêm! (período II)

b. Nem sempre as coisas acontecem dessa maneira. (período VII)

c. A traça é boa; mas se sua sobrinha teimar em o não querer por marido, teremos na freguesia cena de entremez, e não faltarão gargalhadas do barbeiro e do merceeiro, que desde o último lançamento não me poupam, e no outro dia poêm-me pela rua da amargura nos tais jornais de má língua. (período I)

A posição à esquerda do verbo tem como fatores mais favoráveis a ordem DP-V o vocativo, exemplificado em (17a), e a negação ou clítico (17b), com os PR de 0,91 e 0,70, respectivamente. O pronome interrogativo, exemplificado em (17c), é o fator que menos favorece a ordem DP-V nesse grupo.

POSIÇÃO À ESQUERDA DO VERBO	OCS.	FREQUÊNCIA	PR
VOCATIVO	1/2	50%	0,91
NEGAÇÃO OU CLÍTICO	62/167	37%	0,70
CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA	48/108	44%	0,55
NENHUM ELEMENTO À ESQUERDA	76/272	48%	0,46
RELATIVO	5/16	31%	0,41
CONJUNÇÃO COORDENATIVA	13/56	23%	0,39
ADVÉRBIO DE FREQUÊNCIA	33/96	34%	0,33
INTERROGATIVO	4/19	21%	0,24
TOTAL	242/736	33%	
<i>Input: 0,610; significância: 0,048</i>			

Tabela 6: Influência da posição à esquerda do argumento na ordem DP-V

(17) a. Chegas ali ao pé da escada, inspiras profundamente e gritas: " **Heitor**, eles chegaram!" (período VII)

- b. Da bicicleta que ele um dia nos pediu e que não pudemos comprar-lhe porque o dinheiro não chegava... (período V)
- c. **Como** acabará isto? (período II)

O penúltimo grupo de fatores selecionado como relevante foi o da categoria semântica do verbo. O fator verbo existir, ilustrado em (18a), com o PR de 0,86, e o fator **morrer, florir, nascer** etc., em (18b), com o PR 0,75, são os que mais favorecem a anteposição. Já os verbos faltar, em (18c), e vir, em (18d), são os que menos favorecem a ordem DP-V, com os PR de 0,17 e 0,15, respectivamente.

CATEGORIA SEMÂNTICA DO VERBO	OCS.	FREQUÊNCIA	PR
EXISTIR	13/22	60%	0,86
MORRER, FLORIR, NASCER...	42/91	46%	0,75
ACONTECER, OCORRER, TRANSCORRER...	13/24	54%	0,70
COMEÇAR, TERMINAR, ACABAR...	37/89	42%	0,70
DIMINUIR, AUMENTAR, CRESCER...	4/9	44%	0,68
DEMAIS VERBOS	45/157	29%	0,57
CHEGAR, ENTRAR...	42/133	32%	0,50
APARECER, DESAPARECER...	14/45	31%	0,43
IMPORTAR	2/14	14%	0,25
FALTAR	3/24	13%	0,17
VIR	27/128	21%	0,15
TOTAL	242/736	33%	
<i>Input: 0,610; significância: 0,048</i>			

Tabela 7: Influência da categoria semântica dos verbos inacusativos na ordem DP-V

- (18) a. A felicidade não existe. (período II)
- b. Estas árvores nasceram ao acaso? (período V)
- c. Faltam duas horas e dez minutos... (período V) d. Vieram os corvos... (período I)

O último grupo selecionado foi o gênero do personagem. O personagem masculino, como é apresentado na tabela abaixo, tende a favorecer a anteposição do argumento, com o PR de 0,55. O feminino, por sua vez, tende a favorecer a posposição do argumento.

GÊNERO DO PERSONAGEM	OCS.	FREQUÊNCIA	PR
MASCULINO	142/434	33%	0,55
FEMININO	100/302	33%	0,42
TOTAL	242/736	33%	
<i>Input: 0,610; significância: 0,048</i>			

Tabela 8: Influência do gênero do personagem na ordem DP-V

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Baseado nas pesquisas anteriores sobre a remarcação do PSN no PB, uma mudança em direção ao preenchimento do sujeito, este trabalho teve como objetivo observar se a mudança estava também ocorrendo no PE. O referencial teórico utilizado para sustentar a hipótese de que o PE não passa pela mesma mudança do PB, o que é mais um indício de que o PE e o PB são duas gramáticas distintas, foi a associação entre as correntes teóricas variacionista (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 1989), que contribui com a análise quantitativa e para a observação da mudança, e gerativista (CHOMSKY, 1981), especialmente o quadro de Princípios e Parâmetros. Os dados foram coletados de peças teatrais portuguesas escritas ao longo dos séculos 19 e 20: como a intenção era analisar os dados mais próximos da fala, foram utilizadas peças de cunho popular.

A hipótese de que o PE estaria estável em relação a produtividade do argumento nulo e posposto com verbos inacusativos foi confirmada. Os resultados indicam que, apesar de ocorrer a ordem DP-V no PE, são mais abundantes os casos de V-DP e sujeito nulo. Isso não ocorre no PB, que tende a preencher a posição estrutural do sujeito, por conta da perda da riqueza morfológica verbal.

Os contextos que favorecem a o sujeito pleno anteposto são: (a) argumentos em forma de pronome pessoal e pronome demonstrativo neutro, (b) argumento definido, (c) com o traço semântico [+ humano], (d) formado por uma palavra, (e) verbo antecedido por vocativo, (f) verbo **existir** e (g) personagem do gênero masculino. Como a pesquisa ainda conta com poucos dados, os resultados obtidos podem não ser consistentes: para que os resultados estatísticos sejam mais confiáveis, é necessário a ampliação do corpus, tanto para o PB quanto para o PE. O próximo passo será realizar análises sincrônicas separadas para cada um dos sete períodos e fazer a comparação diacrônica entre eles.

REFERÊNCIAS

CHOMSKY, Noam. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.

COELHO, Izete L. *A ordem V DP em construções monoargumentais: uma restrição sintático-semântica*. Tese de Doutorado. Florianópolis: UFSC, 2000.

DUARTE, Maria Eugênia Lammoglia. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary Aizawa (orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: UNICAMP, 1993.

_____. *A perda do princípio evite pronome no português brasileiro*. Tese de Doutorado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1995.

_____. A evolução na representação do sujeito pronominal em dois tempos. In: PAIVA, Maria da Conceição; DUARTE, Maria Eugênia Lammoglia (orgs.). *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003, p. 115-28.

HENRIQUES, F. P. *Construções com verbos de alçamento que selecionam um complemento oracional: uma análise comparativa do PB e PE*. Tese. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013.

LOPES, Célia Regina dos Santos. *A inserção de 'a gente' no quadro pronominal do português*, vol. 18. Frankfurt: Vervuert/Madri: Iberoamericana, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MARINS, Juliana Esposito. *As repercussões na marcação do parâmetro do sujeito nulo: um estudo diacrônico das sentenças existenciais com **ter** e **haver** no PB e no PE*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013.

MIOTO, Carlos; SILVA, Maria C. Figueiredo; LOPES, Ruth. *Novo manual de sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2013.

SANTOS, Danielle Rezende. *A ordem VS/SV com verbos inacusativos: um estudo diacrônico*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

SANTOS, Danielle de Rezende; SOARES DA SILVA, Humberto. A ordem V-DP/DP-V com verbos inacusativos. In: DUARTE, Maria Eugênia Lammoglia (org.). *O sujeito em peças de teatro (1833-1992): estudos diacrônicos*. São Paulo: Parábola, 2012, p. 121-42.

SOARES DA SILVA, Humberto. *Evidências da mudança paramétrica em dados da língua-E: o sujeito pronominal no português e no espanhol*. Tese. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.

SPANÓ, Maria. *A ordem V SN em construções monoargumentais, na fala culta do português brasileiro e europeu*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

TARALLO, Fernando; KATO, Mary Aizawa. Harmonia trans-sistêmica: variação inter e intralinguística. *Diadorim*, vol. 2, UFRJ, p. 13-42, 2007 [1989].

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad.: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1989].

FOLHA DE AVALIAÇÃO

SHÉLIDA DA SILVA DOS SANTOS

DRE: 110 099 921

A ORDEM V-DP/DP-V COM VERBOS INACUSATIVOS NO PORTUGUÊS EUROPEU

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras na habilitação Português/Literaturas.

Data de avaliação: 29 /03/2016

HUMBERTO SOARES DA SILVA NOTA: _____

Nome completo do Orientador – Presidente da Banca Examinadora
Professor Doutor (UFRJ)

MARIA EUGÊNIA LAMMOGLIA DUARTE NOTA: _____

Nome completo do Leitor Crítico
Professor Doutor (UFRJ)

Assinatura dos avaliadores: _____
